

Ano II - N.º 72  
18 de Dezembro de 1931  
Preço 1 Esc.

# reporlel.

Semanário das  
grandes reportagens

LER NESTE NÚMERO:

UMA PORTUGUESA NOIVA  
DE  
"LANDRÚ"



V. Ex.<sup>as</sup> não tenham duvidas!!!

OS  
6:000.000\$00  
DA

Grande Lotaria do Natal  
estão à venda na feliz

**Casa CONDEIXA**

Bilhetes a..... 1.600\$00  
Meios a..... 800\$00  
Vigésimos a..... 80\$00  
Cautelas a 21\$00 e. 12\$00

GRANDE PALPITE NAS CAPICUAS  
6226 - 8228 - 9229  
em fracções ao preço de 22\$00.  
ULTIMA LOTARIA DO ANO  
a 31 de Dezembro

1.º prémio..... 1.000.000\$00  
A venda desde já  
Bilhetes a..... 420\$00  
Vigésimos a..... 21\$00  
(Pelo correio mais um escudo). Pedidos a

**JOÃO CONDEIXA**  
211-Rua do Arco Bandeira-211  
(Próximo ao Rossio)  
**Grande palpite!**

# Misericórdia de Lisboa

**Grande lotaria do Natal**

Extracção a 23 de Dezembro, às 13 horas

**PRÉMIO MAIOR**

**6.000 CONTOS**

Na Tesouraria da Misericórdia de Lisboa estão à venda

**bilhetes a..... 1.600\$00**  
**meios bilhetes a... 800\$00**  
**décimos a..... 160\$00**  
**e vigésimos a..... 80\$00**

**Pelo correio acresce o porte e registo**

# Lotaria do Natal

23 de Dezembro,  
6:000.000\$00

Bilhetes a... 1.600\$00  
Decimos a... 160\$00  
Vigésimos a... 80\$00  
Cautelas a 21\$00 e 11\$00

**Pelo correio mais 1\$00**

PEDIDOS AOS CAMBISTAS

**CAMPIÃO & C.<sup>A</sup>**  
RUA DO AMPARO, 116  
LISBOA

# CAMBISTA TESTA

O que mais sortes grandes das lotarias extraordinárias tem vendido deve ser o que este ano vende os

Lotaria do Natal

6.000.000\$00

Se quereis a vossa felicidade habilitai-vos nesta casa, que vende bilhetes a 1.600\$00, meios a 800\$00, vigésimos a 80\$00, cautelas a 21\$00 e 11\$00. Pelo correio mais 1\$00. Pedidos a CASTELO & DINIZ, Ltd. - 74, R. do Arsenal, 78 - LISBOA

# Teatro Variedades

2 - SESSÕES - 2

A'S 20 1/2 E 22 1/2

# O MEXILHÃO

Revista popular em 2 actos

RIR RIR RIR

BOM GOSTO

LINDA MUSICA

Artísticos bailados por FRANCIS

TELEF. 26037

# PASSAPORTES

Espanha, França, Brasil e América do Norte

AGENTES NO NORTE DA

**UNITED STATES LINES**

**Nicolau Ferraz**

R. do Loureiro, 60

Porto Tel. 762

# TEATRO GIMNASIO

COMPANHIA ESTER LEÃO

9 1/2

**A NOITE LOUCA**

9 1/2

Protagonistas: ESTER LEÃO e ABILIO ALVES

Brilhante conjunto - Todas as noites **A NOITE LOUCA**

# Homens & Factos do Dia

## Crime e castigo



**N**ÃO vale a pena esmiuçar aqui o que é a vida de tragédias e sofrimento dos delinquentes condenados à pena maior, durante o tempo que estão sujeitos ao regimen penitenciário. Bem conhecida é essa tragédia, mercê da campanha que se esboça em todo o país a favor dum mais humanitário e mais justo regimen prisional, modificado que seja o actualmente em vigor no sentido de aos

presos serem dados meios de regeneração e arrependimento que agora, na maioria dos casos, são incompatíveis com a revolta que se apodera do espirito daqueles que têm a desgraça de cair sob a alçada da lei que tão cruelmente manifesta os seus desejos de castigo.

No nosso critério que não é fundamentado em códigos nem no conhecimento das leis — antes na prática e no conhecimento da vida — é contraproducente o regimen prisional em vigor, pois rouba ao preso todas as energias morais e físicas — veja-se a grande percentagem de loucos e tuberculosos que saem das nossas penitenciárias. Mas não é menos grave e digna de estudo a situação daqueles que, depois de cumprirem alguns anos de prisão maior celular, ajustadas as contas com a sociedade, recuperam o sol bendito da liberdade.

Que vai fazer um homem depois desta ressurreição? Com todos os escolhos que agravam a sua prisão, cumpre a pena... mas restam-lhe as multas. Como na maioria dos casos se trata de presos que delinquiram por falta de meios as multas não são pagas e começa, então, a peregrinação pelas cadeias de Monsanto e Limoeiro, numa promiscuidade horrível

com facinoras e gatunos, gente da peor espécie e de todas as espécies, encontrando, assim, os germens do crime, um terreno apropriado para boa cultura. Cumprida esta nova pena, remidos a dias de prisão a multa que o tribunal sentenciara no seu douto parecer, a sociedade pega no homem de quem tão mal cuidou, de quem se vingou pelo mal causado, mas em quem não ensaiou nenhum processo de cura, e atira-o para a rua deslumbrante de sol, dizendo-lhe: — «És livre! Trata de ti!...»

Que pode fazer na vida pública ou na vida particular um homem nestas condições? Que futuro está reservado a um penitenciário? As oficinas, os escritórios, estão-lhe vedados, como vedadas lhe estão também todas as outras profissões. Quem quer comer do mesmo pão e viver sob o mesmo teto que um ex-penitenciário? A resposta a esta pergunta é confrangedora. Começa então uma vida mais negra que a vida da prisão. O libertado vê-se, mercê das circunstâncias, possuído da forte razão da fome para voltar a delinquir.

Uma sociedade que assim procede, que justifica semelhante revolta quando a ela não incita, não se defende — suicida-se.

Agora, mesmo, tenho presente a figura triste daquele homem saído há pouco da Penitenciária e que veio aqui para me contar a sua odisseia trágica, que me veio gritar que quer ser um homem honrado, e a quem são cerceados todos os meios para cumprir esse nobre desejo.

E então — vendo a luta deste homem contra um passado de lama que o quer afogar —, eu pergunto quantos serão da tempera deste, da tempera dos heróis, para assim lutarem com tão poucas probabilidades de êxito com um pre-

# reporter

O SEMANÁRIO  
DE MAIOR TIRAGEM E EXPAN-  
SÃO EM PORTUGAL

Grandes reportagens e critica a todos os acontecimentos de sensação nacionais e estrangeiros

Sai às sextas-feiras e é posto à venda simultaneamente em todo o país

PROPRIEDADE EXCLUSIVA DE C. CAL

Director e Editor  
**REINALDO FERREIRA**  
(Reporter X)

Chefe da Redacção  
**MÁRIO DOMINGUES**

Redacção, Administração e Publicidade  
Rua do Alecrim, 65 — TEL. 2 1276 — LISBOA  
End. Telegr.: REPORTERX — LISBOA

Composição e Impressão  
SOCIEDADE EDITORIAL «A B C», L.da  
Rua do Alecrim, 61 — Rua da Luta, 1-B

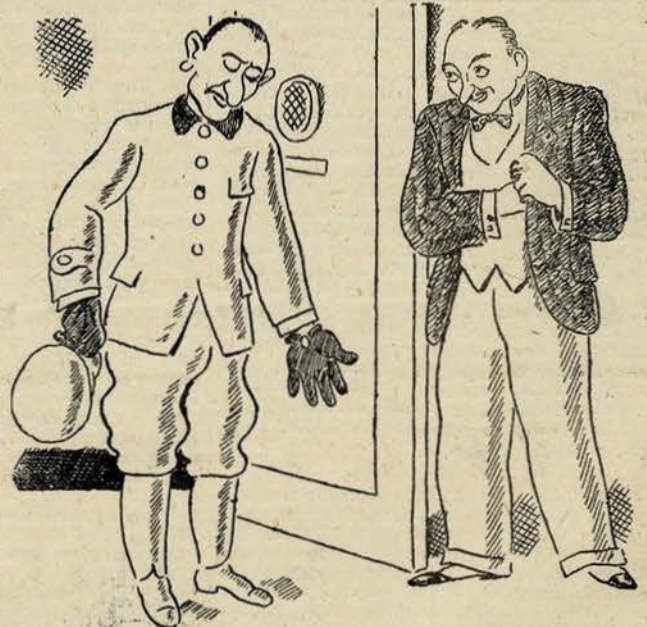
PREÇO DAS ASSINATURAS

3 meses — série de 12 números — Esc. 11\$50  
6 » » » 25 » — Esc. 22\$50  
12 » » » 52 » — Esc. 44\$50

Para as Colónias e Estrangeiro acrescém os respectivos portes  
**Pagamento adiantado**

sente que os quer fazer voltar a um passado de ignominia.

COSTA JÚNIOR



— Uma desgraça! Acabo de atropelar a sua sogra. :  
— Sério?! Quanto lhe devo...

Aventuras de «V-12», o herói português da espionagem

# O segredo da fronteira holandesa



Xavier de Carvalho Azevedo, o espião português que esteve ao serviço dos aliados

**A rede... — O espião da Kelper-Straaff — O casebre de Naarboock — O homem da gabardine — O grande negócio — Xavier de Carvalho Azevedo na Alemanha — Como se consilpou o «V-12» — A escada de salvação — O «Mara-Bicho» do porteiro — A cena do autobus — O «dossier» encançado.**

## RESUMO DO NÚMERO ANTERIOR

Xavier de Carvalho Azevedo, jovem português que ama a França, não querendo misturar-se na guerra como outros estrangeiros amigos seus, ofereceu-se voluntariamente aos aliados como «espião». Presta tão audaciosos serviços, entrando varias vezes em Berlim (onde perde a orla da direita) que os seus chefes o colocam entre os «azes» da espionagem. O agente «V-12» (é esta a sua ficha) retira-se para Portugal, ao terminar a guerra, e nem aos seus amigos mais íntimos revela o papel heróico que desempenhou. Uma frase inusitada de um antigo chefe alerta-nos e, graças à orla que ele perdeu, conseguimos reconhecê-lo e adivinhar-lhe a narrativa das suas proezas, por vezes empolgantes. O seu serviço de experiência foi realizado na Holanda: descobriu o ponto da fronteira por onde os alemães escamoteavam os seus segredos. No regresso vem constipado e, ao perguntar-lhe a causa dessa constipação, responde que a apunhou passando uma noite inteira, sem chapéu nem sobretudo numa escada de salvação em Colónia. «Mas V. entrou na Alemanha? indagam os chefes, pasmados.

O neófito da espionagem, saboreando a admiração que causara aos chefes, explicou: «Ao desembarcar em Rotterdam instalei-me no Sapore Hotel e, ao contrário do combinado, não fui apresentar-me aos nossos agentes secretos de Haya. É que, como eu calculava, os espiões alemães não perdem de vista os estrangeiros suspeitos que entram na Holanda, e eu, logo ao segundo dia senti-me farejado de perto.

O próprio porteiro do hotel me violava a correspondência.

Para me libertar desse estrangulamento escrevi duas cartas: uma, a mim próprio, *provando* que eu era vendedor... *clandestino* de conservas e vinhos portugueses e que pretendia negociar com fornecedores... *clandestinos* do exército alemão; a outra denunciando-me a mim mesmo aos nossos agentes de Haya como suspeito à causa dos aliados. Como toda a correspondência era interceptada, o cerco começou a afrouxar à minha volta, e acabando eles por me deixarem em paz... A partir desse momento puz-me na pegada dos indivíduos que eu percebera que me vigiavam, descobrindo-lhes os poisos e estudando-lhes os costumes e as manobras.

Havia um que vivia em Keyser Stratte, um moço de vinte e tal anos, cabeça rapada, com todo o ar dum oficial prussiano à paisana. Uma manhã que eu pensava dedicar-me a segui-lo, apanhei-o à saída de casa, a amarrar duas malas às trazeiras dum auto de turismo. O coração cabriolou-me dentro do peito! Teria chegado a oportunidade que eu visionara no meu plano sobre o «segredo da fronteira»? Enquanto ele almoçava num *bar* vizinho, corria eu a uma praça a contratar com um *chauffeur* de taxi: uma viagem até... ao desconhecido!

Ao abandonarmos os últimos subúrbios da cidade, o auto do espião alemão encaminhou-se em linha recta para Waarboock, uma vila fronteiriça com a gare internacional e umas terras bem reputadas. Mas ao acercar-se da vila, cortou à direita recuando pouco depois o carro, no extremo oeste de Waarboock, frente a uma hospedaria. Viam-se, a pouca distância, os cabos eléctricos que, como uma pauta de música, marcavam a linha da fronteira. Dum lado e de outro, numerosos gendarmes holandeses e alemães impossibilitavam qualquer tentativa de invasão ou de evasão... O agente «boche» avançou para um casebre de tijolo que se erguia precisamente nas últimas polegadas da terra anolandes; abriu a porta com uma chave que possuía, entrou e... desapareceu.

A janela do quarto que aluguei dava para a fronteira. Na manhã seguinte, muito cedo, distrai-me a contemplar a paisagem. O auto do espião alemão, continuava à porta do hotel. Ficava ao relento. Via-se a zona alemã até ao horizonte, onde um bosque coagulado a barrava. Vinte minutos depois saí do bosque um indivíduo que caminhava velozmente. — «Se o «boche» tivesse vindo de gabardine em vez de sobretudo escuro, jurava que era ele!» — pensei. — «O tal indivíduo encaminhava-se para um *chalet* que existia entre o bosque e a fronteira, e nele entrou. Retou outros vinte minutos. Súbito abriu-se a porta do casebre e por ela saía o espião «boche»... envergando uma gabardine clara!»

O espião «boche» almoçou na hospedaria, numa meza próxima da minha. Várias vezes buscou o meu olhar e me fitou com uma insistência sorridente. Era evidente que buscava um pretexto para meter conversa... Deixou sem regatear. «Creio que já nos vimos.» — «Es tava a pensar isso mes-

mo. Conheço-o não sei donde.» (Farto de saber estava ele, visto que me tinha vigiado... quando eu era *suspeito*). Trocamos várias banalidades neste género e o cavalheiro não quis perder mais tempo: «Se não estou em erro foi no Hotel Savora, de Rotterdam. Alguem me disse que o senhor negociava em vinho e conservas...» (Não havia dúvida: tinham lido as cartas que eu próprio me dirigira...) — «Assim é, de facto. Estou até muito aborrecido a esse respeito. Combinei com um intermediário encontrarmo-nos aqui para fechar uma transacção... (abaixei a voz) para o exército alemão... e ele falou-me.» — «E porque não vai tratar pessoalmente desse assunto. Meu pai vive em Colónia e é negociante... da especialidade e eu davalhe uma apresentação.» — «Compreende... O passaporte... É difícil agora...» — «Não é! O senhor é português, julgo eu; é neutro, portanto. Eu arranjo-lhe tudo.» Ah! O espírito germânico da ganancia! Herr K... W... — é este o seu nome — deu-me uma carta para o papá; arranjou-me o passaporte em dez minutos e acompanhou-me até à estação.

«Vi-me e desejei-me para tornar verosímil ante o velho W... — as minhas propostas comerciais. O filho chegou ao anoitecer. Teimou em que eu pernoitasse em sua casa — uma casa elegante no melhor bairro de Colónia. O pai vivia no 3.º andar e o filho, que é casado, no 1.º. Após o jantar, palestrou-se até às dez horas. Fui o mais germanófilo possível. K... acompanhou-me até ao meu quarto dizendo que tinha uma refinação com uns amigos. Sôzinho na alcova, reflecti. A janela do meu quarto dava para a escada de ferro de salvação. Pela parede fronteira do pátio vi iluminar-

(Continua na pag. 12)



Depois de se apoderar dos documentos, tornava-se difícil a fuga...

# O que foram na vida real Texas Jack, Buffalo Bill e outros heróis de romance

(EPÍLOGO)

**Texas Jack guerreiro — O ódio dos índios contra o «Cavalo de Ferro» — As derrotas do «Five Horse» — O primeiro combate — O cava o «Black Pan» — O casamento de Texas Jack — Os últimos dias do herói do Far-West.**

**T**EXAS-JACK só conquistou a sua fama de guerreiro quando a sua celebridade de caçador estrelava em toda a América. William Teyllor, que era, nessa época, o maior devastador de búfalos do West, desafiou «Little-Jack» a um «match». Ambos atacariam a mesma manada, conhecida pela «manada da chuva» que costumava descer do norte nas vésperas dos primeiros temporais do outono. Ele, Teyllor, saíra junto do lago do Kausas; e Jack aguardava-o nas proximidades da montanha, a uma distância de trinta quilómetros, nenhum dos dois levaria auxiliares e o juri que viria depois estabelecer o *recordman* contaria as cornantes abatidas em um e outro local. A manada anunciou-se no Lago do Kausas no entardecer dum segunda feira, levantando uma nuvem de terra que barrava todo o horizonte; e até quinta feira de manhã, a monstruosa faixa negra dos búfalos desbobinou-se ininterruptamente, coaguladamente. A fuzilaria constante dos dois caçadores, alarmando os animais, não os desviava do seu caminho. Terminado o *match* Teyllor pavoneou-se com a vitória, contando perto de 200 cadáveres e certo de que o rival não podia ter-se chegado perto desse número, verdadeiramente formidável, no curto espaço de dois dias e meio. Mas pouco durou a sua basófia. Texas Jack abateu 380 cornantes. Só o producto da venda das peles rendeu a Texas Jack 200 dólares (24 contos). Foi nessa poca que o herói do Far West, contando vinte e cinco anos, travou a primeira batalha «de verdade» com os peles vermelhas.

## O ATAQUE AO FORTE DE FIVE-HORSE

A primeira empresa que tentou estabelecer a linha férrea transamericana — do Atlântico ao Pampas — avançava até a uns 30 quilómetros a este do Kansas; mas em certa altura os cinco mil operários dedicados a estas obras (divididos em várias

brigadas de 200 e 300 homens não puderam avançar nem mais um palmo. E' que entravam agora no limite da civilização, passando a fronteira teórica da Indiana, ou seja da aglomeração das principais tribus indias. Os «Soux», os «apaches», os Surnikas», os «Traworkes», os «Hansky» que ocupavam toda aquela faixa de terreno rum total de 300 ou 400 mil almas, não só se tinham aliado como contavam com todas as outras tribus que se espalhavam na região e se alastravam até às proximidades da California. O combóio — o «Cavalo de Ferro» ou o «Cavalo de Fogo», como eles lhe chamavam era uma profanação o sono sagrado dos seus mortos, um ultrage às leis eternas e supremas de Manita, o «Deus dos Peles-Vermelhas» e eles não consentiam, fôsse como fôsse, que os que os invasores atravessassem a sua terra com o seu apocalipto mo-istro de ferro, ejaculando nuvens de fumo, fualhando fogo, estrepitando no silêncio das pedrarias com os seus guinchos, os seus tan-tans infernais.

Da primeira ofensiva dos indigenas repetiu o corte dos abastecimentos. Durante uma semana a fome lavrou entre o pessoal, impossibilitado de avançar ou de recuar, cercado por nuvens de indios que tão pouco permitiam que os combóios com viveres se acercassem dos acampamentos. Este atrito foi quando graças a Texas Jack que, tendo sido contratado pela companhia com o ordenado anual de cinco mil dólares (quantia nabalesca, para a época) garantiu o abastecimento das brigadas que nunca mais sofreram precalços daquele género. Esta vitória dos «rostos-pálidos» mais enfureceu os indios que abandonando a resistência passiva, iniciaram o ataque, o assalto, o linchamento em massa. Os operários viviam num contínuo sobressalto, perdendo mais tempo a defenderem-se dos assaltantes do que a trabalharem. Mas mesmo assim o seu trabalho resultara inútil; cada kilometro de rails que eles colocavam correspondia a vários kilometros de linhas que os indios levantaram...

A companhia, após um ano inteiro de prejuizos, pedia ao governo protecção aos seus homens. O governo organisou então um corpo militar, comandado primeiro pelo coronel Tunt (este corpo teve cinco comandantes sucessivos e todos, com excepção do último, foram mortos em combate com os indios) o qual, por sua vez, estabeleceu uma defeza dum «forte-movel», que ficou conhecido pelo nome de Forte de «Five-Horse»... A medida que a linha avançava, o forte, edificado de um modo simples e improvisado, era *desmanchado* como cenário teatral e reedificado mais a diante pelo mesmo sistema. O corpo de defeza compunha-se de duzentos homens apenas, menos do que insufficiente para os constantes ataques dos indios. E tanto assim que, ao cabo de poucos meses um dos comandantes, o terceiro, escreveu ao governo dizendo que lhe restavam apenas cinquenta soldados e que com aquele punhado de defensores nada podia fazer, a não ser deixa-los linchar pelo inimigo no primeiro assalto que se desse.

Foi então que Texas Jack se ofereceu para colaborar na defeza dos operários.

## O TERROR DOS ÍNDIOS

Se Texas Jack ganhara a celebridade como caça-



Texas Jack, quando a sua celebridade invadia a América.

dor de búfalos — maior fama conquistou como guerreiro. Se o segredo principal do entusiasmo bélico dos indios era o seu fanatismo, o seu terror pelo sobrenatural, o segredo das vitórias de Texas Jack foi a pontaria certa que ele fez a esse mesmo fanatismo. Educado por uma índia, conhecedor de todos os exercicios guerreiros e estratégias dos peles-vermelhas, ele podia confundir-se com qualquer *stoux*, no processo de combate. Logo ao primeiro assalto que sofreram os 50 soldados do forte «Froe Horse» em que ele interveiu, os assaltantes foram vencidos, abalando desorientados e em pânico declarado, deixando apenas dois mortos, entre os atacados. Texas Jack, mal ouviu o alarme da aproximação do inimigo, não esperou que este abrisse fogo. Como se sabe os indios costumam estabelecer uma espécie de volteio vértiginoso em redor do inimigo, e assim, fuzilando-o sempre, não oterecem um alvo seguro à pontaria dos brancos. Jack, ágil cavaleiro, atou-se ao ventre da sua montada e lançou-se contra os indios que não vendo nenhum ginete, tomaram o animal como fugido das cavalariças do forte. Entretanto embrenhavam-se nas fúrias do combate e o cavalo de Texas Jack, confundido com tantos outros, circulava livremente entre o inimigo. Os indios caíam, uns atrás dos outros, feridos de morte, sem saber quem os matava. O próprio chefe notou essa anomalia e organisou uma defeza especial à sua pessoa, abrigando-se atrás dum numeroso grupo de guerreiros. Esta defeza não evitou que uma bala, vinda não sabia donde, o abatesse de súbito. Ao verem o chefe tombar, num lago de sangue e não compreendendo quem e como tinha sido ferido, apossaram-se de tal pânico que a retirada se fez sem ordem, numa fuga cheia de terror! Afinal o segredo consistia apenas em que Texas-Jack, sob o ventre do seu cavalo, e apesar da sua difícil posição, não errava nunca a sua pontaria da carabina com que se prevenira...

(Continua na pag. 12)



Uma vista da cidade de S. Francisco, na época em que se passa a acção acima descrita — O coronel Tunt.

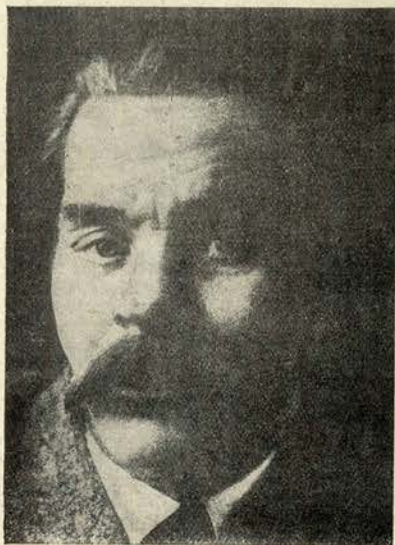
Pode dizer-se que a revolução bolchevista, com a sua febre de apagar, reduzir a pó que o vento dispersa tudo quando poderia subsistir do tsarismo, criou um mundo novo com uma atmosfera onde tudo quanto resta do mundo velho, do mundo tsarista, está condenado a morrer pela asfixia. O homem que preten-

# O que são hoje os escritores sobreviventes da Rússia tsarista



Irene Nemirovsky

da manter no ambiente bolchevista a mesma maneira de ser, o mesmo caracter, as mesmas idéias, os mesmos hábitos que em si acumulou, formando um tipo, no tempo do império, sujeita-se a sofrer o que sofrem os peixes ao serem tirados para fora de água, estrebucham, contorcem-se numa agonia asfixiante e morrem. E' o que está acontecendo neste momento aos grandes escritores russos do tempo dos zares, áqueles que, mesmo discordando do império e aspirando a uma sociedade mais avançada e progressiva, se habituaram, no entanto, a viver cercados de uma tradição de que hoje não esta senão na memória. São uns inadaptados. A



Máximo Gorki

**Um ambiente de asfixia — Máximo Gorki pequeno burguês... — Alexandre Kreprin, o libertário — Ivan Bunin, o maior prosador — O teimoso misticismo de Merjkovsky — Aldanov, o democrata — Uma escritora moderna de ideias antigas — Os espectros do passado.**

sua existência como escritores quasi perdeu o antigo significado. Tornou-se insípida, sem vigor, sem vida, sem norte.

Veja-se, por exemplo, Máximo Gorki, que foi até á altura da guerra, o escritor proletário mais representativo, o literato que escrevia para as grandes massas sofredoras, o porta-voz dos miseráveis, dos párias, o que justificava o crime pela miséria, o que humanizava com ternuras infinitas os tarados, os corruptos que viviam na lama sem horizontes mais altos do que os da própria lama. Que significam para a Rússia comunista, autoritária, sectária, os seus escritos outrora tão populares? Pieguices desprezíveis que os comunistas — homens de acção — olham com superior desdém. Gorki não vive na Rússia. Os seus hábitos de pequeno burguês poderiam ofender os revolucionários de hoje. Vive em Sorrento, na Itália facista, cercado pelo carinho burguês de sua nora. E se ainda vai de visita a Moscú e se ainda recebe algumas homenagens, quasi burocráticas, dos elementos oficiais russos, foi porque transigiu com as rígidas doutrinas de Lenine, recuando dos sonhos libertários de outrora para o sectarismo inabalável dos comunistas.

A mesma simpatia fria, diplomática, com elogios oficiais no *Pravda* de Moscú, não logrou

conquistar outro grande escritor avançado, libertário, Alexandre Kuprin.

Kuprin, que era oficial do exército no tempo do



Alexandre Kreprin

tzar, e que abandonou a sua carreira para se fazer escritor nihilista, defendendo ladrões e prostitutas, com uma ternura mórbida, mas respeitável pela sinceridade e pelas altas razões sociais que dava a essa defeza, Kuprin — que tudo levaria a

## DÁ DEUS NOZES...

### Um grande pianista a quem faltam os meios para se tornar «grande»

e que sobejam a outros sem a décima parte do seu talento

SABE a fel aquele desabafo que o jovem pianista Jaime Silva (filho) teve com um colega nosso... Predestinou-o o destino para a arte, deu-lhe azas para os vôos mais audaciosos; azougou-o com certeza que existia, dentro d'ele, a essência bendita de um grande artista. Mas ao contrário do que é comum e assente entre portugueses, raça de amadores, que nega o profissionalismo pela mandraçaria, para não ter o trabalho de estudar, confiando-se apenas no instinto, nas vélas ao Santo António, no «pode ser que calhe» e que tudo improvisa, aleijando até à monstruosidade de Quasimodo as vocações mais belas e mais fortes, o moço artista não se refastelou na fôidões das suas virtudes natas, precipitando-se, fazendo do seu sonho uma realidade artificial e imperfeita. Não quis fazer o vinho da arte com as uvas, ainda verdes, do seu talento... Preferiu cultivar cientificamente a vinha, para que, alcançando ela a máxima riqueza, filha de nove meses certos da natureza e de todos os prodigios ameadados pelos mestres, o seu sangue fosse o mais puro, o mais vermelho, o mais fértil... Quis... Preferiu-o... E assinou logo esse cálvrio doloroso e tristíssimo de todos os Cristos que restam na

Judea lusa aspirou a quebrar os dogmas da Rotina. Não existe país onde a vitória mediocre, a glória de lançoilas e foguetes seja mais acessível e mais generosamente distribuída. Todos nós, em Portugal, sômos quasi génios. Em compensação, a verdadeira glória ou a ânsia do que nós aspiramos, provoca o tumulto agressivo, o quadrado dos prodigios, a muralha chinesa da rotina... Inicia-se a ascensão, tão fatigado e ferido, como nos outros países se alcança a apoteóse do triunfo!

Já se vê que um povo apenas composto de mestres, de génios, de sábios, é um povo fracassado. O mal do nosso país, o que o torna o paraíso dos Pachecos, o reino dos Acacios, é precisamente a super-abundancia de doutores. Mas os verdadeiros, os que trazem na alma a labareda do verdadeiro talento são tão poucos que levá-los a suicídio do seu próprio sonho, é um sacrilégio criminoso. E' preciso, naturalmente, fazer-se uma selecção severa, quimicamente exacta... Portugal também a fez. Qual? A do dinheiro! Quere dizer: como é preciso limitar a «life» mensal e artística, não se selecciona as vocações, as boas vontades,

(Continua na pag. 14)

crer seria um ídolo da actual situação — não pode entrar na Rússia bolchevista, porque as suas obras estão impregnadas de sentimentalismo burguês... E' que os bolchevistas criaram uma literatura nova, com os seus azes modernos. Cantam através de novelas e poemas a epopeia do trabalho manual, a beleza de todos os progressos mecânicos, com heróis que vivem, amam, sofrem e sonham com a electrificação e o plano quinquenal. Tudo quanto esteja fora destes problemas é, para eles, sentimentalismo burguês... Krupin é, pois, um pobre sentimentalista, incapaz de compreender a alma da actual geração russa. Vive em Paris e escreve actualmente novelas aneddoticas, frioleiras picarescas, no jornal reaccionário dos emigrados, «La Renaissance».

Ivan Bunin era e é o maior prosador russo. Se as ideias são fracas a prosa é forte. Dir-se-ia uma espécie de Dr. Ricardo Jorge, que procura para se exprimir os vocábulos que menos se usam. Não interessava aos comunistas. Expulsaram-no. E ao resto do mundo que pode interessar um escritor, um homem que escreve muito bem o russo, que é uma língua que ninguém entende, a não ser os russos que por sua vez não o querem ler?

Das figuras mais curiosas de emigrado russo, que vivem quasi todas em Paris, estrebuchando, comprimidas entre o aborrecimento de quem não sabe o que fazer e a miséria de quem não encontra que comer, destaca-se a do escritor Merejkovski.

Merejkovski é um místico, um sonhador à velha maneira russa, a quem as incógnitas do Destino e os mistérios da alma humana preocupam mais do que a conquista do pão de cada dia. No tempo do Tzar ainda havia na Rússia lugar para estes pobres sonhadores que não se arriscavam como hoje a ser apodados de parasitas e a serem cortada a sua razão de viveres. Então escrevia ele pezados volumes filosóficos bordando teorias em torno da Igreja e sonhando que o paganismo e o cristianismo se fundiriam numa aspiração universal de Divindade. Fundou na Rússia uma sociedade filosófica-religiosa para estudar estes problemas transcendentais. Mas a Revolução espatifou tudo e arremessou o lunático pensador para Paris, onde con-

(Conclue na pag. 14)

## Novelas da vida real

# O veterano dos bombeiros, portador da Torre e Espada, morre de fome!

## A vida do velho Filipe Nery Baldy, capítulo extraordinário de abnegação e heroísmo

**É** nobre e arriscada a profissão de bombeiro, ganhando medalhas salvando vidas, enquanto tantos outros, como o disse em versos magníficos o poeta Tomaz Ribeiro, as ganham matando. Mais nobre ainda, se na nobreza pode haver hierárquias, é o bombeiro que sem esperar qualquer recompensa material tudo arrisca, tudo esquece, trabalhos, proventos, família e quantas vezes a vida, para cumprir o seu sagrado lema de vida por vida, cumprindo o seu dever a favor do homem seu irmão.

Mas, tanta abnegação, é tanta vez paga com o esquecimento. Neste caso está o velho Filipe Nery Baldy, o veterano glorioso de mil combates contra os elementos, o dominador das chamas, que com justiça ostenta no peito a gloriosa Torre Espada que a muito poucos é dado possuir, e — confrange o coração dizê-lo! — estende a mão à caridade para não perecer de fome.

Falámos, no seu túgúrio, com o velho lutador. Habita uma casinha desconfortável na Quinta da Galorcha, em Marvila, alquebrado ao péso dos 85 anos e duma vida profícuca de trabalho insano, perdida para sempre a doce alegria de viver. Mas como um trofeu, restos gloriosos do passado, ostenta ainda no casaco desbotado a roseta da Torre Espada e as fitas de algumas venerated mais queridas — as que mais lhe custaram a ganhar.

E' ele que fala, os olhos a sorrir, perdidos na névoa dum passado feliz que é toda a sua paixão:

— O meu primeiro fogo... Foi há tantos anos... Se bem me lembro...

E o velho Filipe Nery conta: — N cidade estabelecera-se a desolação, motivada por uma enorme explosão de dinamite, na Trafaria. Os bombeiros avançaram para o local do sinistro, e dos escombros dum prédio retiraram alguns cadáveres e salvaram diversas vidas...



E o simpático velhinho remata com humildade como que a pedir-nos desculpa do seu heroísmo: Dizem que me portei bem. Cumpri o meu dever...

— Depois os actos de bravura de Filipe Nery contam-se pelo número de catástrofes havidas em Lisboa ou nos arredores. Os louvores, as mercês, as citações, não têm conta. Até que um dia vem a maior homenagem, a Torre e Espada, que só é concedida aos eleitos do heroísmo e do valor:

— Foi em 1887, há já 44 anos. Um grande incêndio fôra ateado criminosamente no quartel de caçadores da Rainha, na Graça. Salvaram-se os homens e os animais. Faltava salvar o arquivo, mas isso era impossível, diziam. Atirei-me às chamas e voltei com parte do arquivo. Novamente lá fui, conquistando assim, ao fogo, todos os documentos do regimento. Foi então que me deram a Torre Espada...

E os olhos com um brilho intenso, perdidos na escuridão do passado, certos da tristeza do presente, exclama:

— Todos me conheciam então... Hoje...

A sua carreira, capítulo a capítulo, é uma luta de heroísmo e abnegação, novela extraordinária de cavaleiro andante. As 17 medalhas que lhe esmalta o peito é, cada uma delas, uma página de heroísmo e um exemplo de bravura.

— Qual a sua recordação mais feliz? — perguntamos.

(Continua na pag. 12)

## Hitler, o homem que mete medo ao mundo

**A** Europa inteira tem hoje os olhos postos em Hitler, o chefe dos nazis alemães, que de punho fechado invectiva, ameaçadoramente, o velho mundo. Antigo caixeiro, depois jornalista e escritor, guindado às culminâncias da política pelos acasos do *post-guerre*, sobre ele concentram-se hoje as atenções do mundo.

O seu lema, a sua palavra de ordem e a de milhões de partidários, é a revanche, é, numa palavra a vingança contra todos que impuzeram à Alemanha a paz de 1918. Como aprecia ele o Tratado de Versaillles, essa espada de dois gumes arrastada sobre vencidos e vencedores? O chefe dos fascistas alemão que quer impor ao seu país e ao mundo a disciplina de ferro que já fez aceitar aos seus partidários militarizados, melhor municados e mais numerosos que os exércitos de alguns países tem de esse tratado, que é a base da precária paz em que vivemos, a seguinte opinião:

«O tratado de Versaillles não é um tratado de paz. Pertence à categoria dos tratados que, impondo a um povo o pagamento dum tributo, contém em si mesmos, o germen duma futura guerra».

...«A nova geração alemã exige, imperiosamente, que a Alemanha seja tratada num pé de igualdade com as outras nações civilizadas...»

E se claras são as ideias do chefe dos nazis, em referencia à política internacional, os que se referem à política interna, são ainda mais claras. O Jeuke, o fogueiro lugar-tenente de Hitler, que pela

(Conclue na pag. 12)



Hitler passando revista aos seus partidários militarizados.



«Landrú»

O romance de Paco — A feira de «gosto» — Os liliputianos de Paco — Consuelo, a Ofélia — A dama de companhia — A paixão de D. Maria de Jesus — Recordações do passado.

PACO Tovar ou o «Paco da Feira» é um velho conhecido nosso — ainda dos tempos boêmios da boémia dos desfilados anos. O seu passado, numa análise rigorosamente química, não daria um negativo tranqüilizante... Ele próprio não se maquia com batons hipócritas quando alguém insinua que a sua contabilidade com o Criador apresenta um elevado saldo a favor daquele... Galego de Ferrel, teve de emigrar para Cuba, antes de servir El-Rei — por causa de uma mancha negra de certa moça que um rival lhe escamoteava e que ele lavou com lexívia vermelha. Em Havana foi carregador, caixeiro de taberna e guarda de feras numa magerie ambulante — com intervalos de vagabundo e de fome. Depois embarcou, gatafunhou a pele com tatuagens, desceu a outro extremo do continente, perdeu-se no labirinto babuílico de Buenos Aires e do Rio de Janeiro. E' então que Paco, por fadiga ou por cubícia, desalinha a sua conduta, transige com o ambiente delicado-se a negócios alegres, tavolagens, tráfico de drogas para cocottes de viela e por fim — é esta a fase mais desagradável da sua malavita — aliando-se, por comodismo, com uma megera, e presária de lupanares, que o mantinha e o mimava como a um «ulu» mui querido — julgou-se no dever de ajudar a amante na sua ignorância, traficando lá por fóra com fornecedores de carne humana «Eu tinha vinte e cinco anos, confidenciou-nos ele uma noite, e se às vezes me agoniava a mim próprio a vida galada com que aquela maldita me prendia ao ídolo, depressa me sossegava as cólicas da alma! Mas um dia a traficante deu-se ao luxo de conceber... Paco foi pai... Era uma pimpolva que nada herdava da mãe... O amor com que a petiza o incendiou foi como que um auto de fé para todos os pecados antigos. A ideia de que a filha pudesse um dia cair nas garras dum coísta como... éle ou duma megera como a mãe ia endoicendo-o. Uma noite fugiu de casa, levando-a nos braços. A amante, mais por represália do abandono, onde profetisava, como causa, nova mancha, do que por exaltação de amor materno, berrou, armou escândalo, comoveu com as suas lágrimas e algumas gorjetas os agentes da policia seus conhecidos até conseguir que Paco fosse atirado para uma enxovia e a filha lhe voltasse ao mesmo lar onde ela sufocava, a retaiho, as escravas do seu harem público.

# Falando com a noiva portuguesa de «Landrú»

## D. Maria de Jesus Menier, que por um triz não ficou nas garras do «homem das cem noivas»

### Uma carta de amor, de «Landrú»

«Não sei se as paredes do meu calabouço eram brancas ou pretas, disse-me Paco, nessa tal noite de desabafo. O que sei, sim, é que desde que entrei até que me libertaram só vi tudo vermelho à minha volta. Pensava que me encontrava sozinho com a Romo (como era o nome da amante) que lhe fustigava a carne, que a mortia, que a raspava, que a matava aos poucos, era, para mim, um prazer tão voluptuoso, como o de possuir uma mulher que se deseja muito!»

Quando o solta am já a Romo liquidara os negócios e fugira para a Europa com a filha, suspeitosa de que o marido planeasse vingança grave. Cometeu então nova patifaria — a última, jurou-mo, — para conseguir passagem... Uma vez na Europa toda a sua energia foi aplicada à busca da filha. Sabia que a mãe era do Algarve (porque a Romo era nossa compatriota, para honra e orgulho de Portugal) e em Portugal a conheceu. Um belo dia, quando desanimava já, entra-lhe a filha por casa dentro — espigadota, nos seus cinco anos «adidos», acompanhada por uma criada. A Romo, falsamente alarmada com uma profecia de certa bruxa da sua confiança, apressara-se a restituir a petisa.

Conhecemos Paco — já o dissemos — na nossa mocidade, empresário de vários «laboratórios» — «petiscos» exibidos de «fenómenos» nas últimas feiras lisboetas... Recordamos, com saudade, as de Santos e de Agosto, garridas, engrinaldadas, atapetadas de areia vermelha, as bandeiras policromas a drapejarem, a orquestração alegre e estridente das várias charangas, os disparos constantes das carreiras de tiro, o alvoroço dos pim-pam-pum, o retinar das campainhas, o bruhá da multidão feliz, sorridente, que desfila, ora palpa e passiva, ora buliçosa, festiva, agitada, participando dos folguedos, as longas lengas dos pantomimeiros dos tablados, berrando o eterno «E' entrar, meus senhores... E' entrar!» Rrress-peitável público! «Cá está o admirável fenómeno, único no mundo!»; e as sinetas a ba-talarem...; os cozinheiros com aventais brancos e encardidos e altas gorras afuniladas na cabeça, reclamando o gosto divino das iscas... «Cá está

o célebre Zé-d'Alfama! Iscas! Iscas! Iscas!»; e os órgãos a gemerem velhas músicas, dulcificadas de tim-tim e de guisos; e a atmosfera impregnada de um cheiro inconfundível e excitante, onde a fumaça do acetilene se amalgama com o fartum do azeite queimado, do peixe frito, do molho gorduroso das iscas e o perfume adocicado das farturas; e as evaporações do vinho, que espuma nas canecas... Era bem uma festa popular que lisonjeava todos os sentidos, até o olfato...

Paco, na última feira, explorara, a'ém do restaurante — que crismara de «Trianon» — (pobre Maria Antonieta!) —, um círculo de cavalinhos e uma «troupe» de liliputianos que vivia encaixotada, na barraca, sem direito a espreitar a feira... Todas as noites, à saída das redacções, agrupávamo-nos uns tantos jornalistas, na certeza de que Paco nos reservava a mesa para a ceia — sardinhas a sadas com pimentos e tomates, que só de as recordar, ainda hoje, agumamos, como crianças ante uma montra de confeitiro... Uma noite de domingo, Paco que nos vinha sempre receber à porta do «Trianon», com as mangas da camisa arregaçadas desnudando os braços cilíndricos e peludos, a bigodeira negra retorcida a enroscar-se quasi nos sinais que se encaracolavam nas faces, a grenha amarrada e untada, exibiu uma vivacidade quasi estúrdia, invulgar nele. As bochechas pareciam estalar de congestionadas e a pupila amortecia, numa languidez que só o álcool sabe provocar...

«A minha filha chegou...», anunciou-nos ao ouvido, num tal tom como se fôssemos nós o pai ou noivo da pequena... E pedindo aos nossos camaradas que esperassem um pouco, envergou o casaco, enfiou-nos o braço e levou-nos à barraca dos liliputianos, da qual despejava, pela estreita frincha dos cortinados, nma multidão que campava de gozo pelo espectáculo que findara. Demos a a volta e entrámos pelas trazeiras da barraca. Eram quatro paredes de lona, onde se espalhavam caixotes e malas. Num semi-círculo acampavam os liliputianos, homens e mulheres, enfarpelados ainda pela carnalada do guarda-roupa e lantejoulas de exhibição, o que os tornava mais irreais, menos humanos, mais bonecos de um vitrine de brinquedos; e, no meio deles, uma rapariga dos seus vinte anos, alourada, magra, duma diafanidade de sonho, algo de Ofélia ou de Lea em traje da época, palestrava, contava histórias, brincava com os liliputianos, como se de facto fôssem as suas últimas bonecas. Eles pareciam feitos de celulólde, na mobilidade de sonambulos, berrantes, na viveza das tintas da caracterização, escutando-a, embevecidos, hipnotizada. Havia um — dois palmos de gente como um fedelho de cinco anos, um pequeno buço loiro a enfeitar-lhe o labio, e que viera acercando-se da jovem —, a quem a jovem acariciava, acamando-lhe com a mão alvissima os cabelos dourados e que a olhava numa expressão que não era de boneca nem de bebé, mas sim de homem a quem aquela ternura enchia de voluptuosa ardência o peito másculo...

«Vem cá... Consuelo... Quero-te apresentar um amigo...»

Palestrámos. Ele não se mostrava tão simples, tão natural, tão liberto de coquetele como se nos conhecesse há muito... Só no remate do diálogo notei a presença de uma outra personagem — uma dama quarentona, discreta, silenciosa, trajando um tailleur — tipo misse inglesa. Era a dama de companhia de Consuelo. Consuelo estudava num convento, em Franca. Paco queria que a sua filha fosse... como a heroína do único romance que ela lera, na mocidade. Sonhava com um genro... um

genro talvez fidalgo, talvez diplomata — que fosse alguém — digno dela; e para isso procurava que ela fosse digna... dele — desse alguém que Paco não definira ainda. Resignara-se à separação, mas mantinha em Franca, apenas para a visitar, vigiar, estar atenta ao menor alarme, uma senhora da sua confiança. Era a sr.<sup>a</sup> Maria de Jesus Carvalho Menier, filha de um antigo empregado do nosso consulado em Paris e viúva de um oficial francês.

Consuelo, a gentil filha de Paco, casou há quatro anos. Não sabemos com quem, mas julgamos que é feliz, pela alegria em que o pai vive. Tem dois filhos. A missão de D. Maria de Jesus Carvalho Menier terminou com o casamento de Consuelo. Vim-la outro dia entrar para o Hotel Rossio. Reconheceu-nos. Falámos-lhe. Nessa mesma noite encontramos Paco (Paco retirou-se dos negócios), aguardava a 2.<sup>a</sup> sessão do «Maria Vitória», no Parque Mayer. Contámos-lhe o encontro daquela tarde... «Deixe-me cá com a D. Maria! Se soubesse o que se tinha passado, não era eu que...» — «Mas o que foi?» — «Então eu confio-lhe a filha e — ela... nos intervalos... apaixonou-se... talvez saindo cara a paixão... Por um pouco que não lhe sucedia como às outras! Ia sendo torrad-

nha no fogão!» Fitámos, pasmados, o velho Paco, suspeitando do seu equilíbrio mental.

O Landru também apaixonara uma portuguesa. Faltava D. Maria de Jesus Carvalho Menier à longa lista variada e cosmopolita das suas vítimas. Já não podia haver repouso no nosso espírito enquanto não f' lassemos com a antiga dama de companhia da ofeliana Consuelo...

Foi difícil convencê-la... «Para quê resuscitar esse capítulo triste da minha vida? Eu sou a primeira a compreender e a medir o... pouco elegante da minha situação e não quero que se riam de mim...»

— Insistimos: — «Ora quere que eu lhe conte? Conheci esse homem em 1919. Eu tinha ido buscar Consuelo e levava-a ao cinema. Ele ia no metro... Olhava-me... como não era natural que me olhassem na minha idade. Tenho cinquenta e cinco anos — e isto foi há catorze. Ao entrar na sala de espectáculos... vi que ele se sentava ao meu lado. Nessa noite portou-se como um cavalleiro. Seguiu-me até casa. Dois dias depois recebi a primeira carta... Não respondi. Insistiu — sem resultado. Um dia abordou-me na rua. Era tão correcto, aparentava tal sinceridade, eram tão ho-



Algumas páginas do «diário» de «Landrú»

nestas as suas propostas que eu... cedi a conversar. Não calcula que inteligente que era e como se impressionava com a menor coisa. Ainda hoje me custa a crer... que ele tivesse feito o que dizem que fez. Uma noite que fomos passear por Montmartre assistimos a uma cena desagradável: um voyou que esbofetou uma mulher — amante ou esposa. Eu só queria que visse a indignação do... do meu noivo! «Não posso ver fazer mal a ninguém — declarou-me, exaltado. — Mas então quando se trata duma mulher, a minha revolta não tem limites!» Comoveu-me, confesso, esta atitude. Fixámos data de casamento... Os seus negócios estavam um pouco parados — e como na nossa idade não era interessante... deixar correr o tempo, adiantei algum dinheiro para o nosso futuro foyer... Várias vezes me convidou para ver a sua casinha de campo... Dizem que me livre da morte, recusando-me a ir. Não creio que ele fosse capaz de... essa proeza. Quando estava resolvida a fazer-lhe a vontade — vieram dizer-me que ele prometera casamento a uma outra senhora. Informei-me e as aparências (podiam ser falsas) condenavam-no de facto. Depois uma profunda desilusão, mas rompi imediatamente. Não pode visionar sequer o que ele fez, disse e escreveu para me convencer, que eram intrigas de um inimigo seu... Talvez tivesse acabado por transigir, se ele insistisse mais algum tempo!»

Um detalhe: durante toda a conversa, D. Maria de Jesus procura as formas mais sinuosas para evitar o nome do seu sinistro noivo. Os seus lábios não pronunciaram nunca a palavra «Landru»... Ao rematar a entrevista, ela ergue-se, busca nas malas uma pequena caixa de madeira e, apresentando-a, murmura numa voz onde treme ainda a emoção: «A-pesar-de tudo não me desfiz ainda das suas cartas». Uma tentação nos assalta: conheder o estilo amoroso de Landru. Não é fácil... Dir-se-ia uma profanação — um estranho penetrar naquele segredo epistoliar. Consente apenas revelar-nos um bilhete — o último. Dizia assim: «Maria: O amor, por muito que cegue, não mata todo o orgulho humano do amoroso. O teu silêncio é um vexame. A insistência das minhas súptlicas, uma humilhação. Não tornarás a ter notícias minhas. Se não és o anjo que eu vi em ti, se és cruel, se tens sede da minha dor, até aí se eu te obedego. O inferno que me espera, ao perder a última esperança no teu amor, ultrapassa o que poderias desejar, na tua maldade. Mas, se a dor, mesmo num coração enamorado,

(Continua na pag. 12).

## Um homem que se transforma em mulher

### A ODISSEIA DE UM PINTOR CÉLEBRE — UM CASAMENTO FELIZ — UMA UNIÃO ARTÍSTICA — UMA OPERAÇÃO FATAL.

EM Portugal há muitos leitores da revista de modas francesa *Vie Parisienne* (vai a citação sem intuito de rí-lamo). Pois esses leitores, ou melhor, essas leitoras, visto que são as senhoras que de preferência se interessam por aquele género de publicações devem lembrar-se de um nome que freqüentemente lá aparecia: Einar Wegener. E lembrando-se Einar devem recordar-se também do nome de Gerda, visto que inúmeras vezes anarciam juntos: Einar Wegener, e Gerda Wegener, marido e mulher, ambos artistas, ambos pintores e ilustradores de grande nomeada.

Pois estes dois artistas têm uma história dolorosa e romanesca cujo epilogo acaba de desenrolar-se numa casa de saúde de Dresden.

Einar Wegener, rapaz de grande talento, começou a destacar-se da legião de jovens pintores da Dinamarca. Fremente de sonho, desejoso de mais largos triunfos, veio para Paris, onde a exposição dos seus quadros obteve um êxito retumbante. Foi logo convidado a colaborar como ilustrador nas revistas parisienses e depressa o seu nome alcançou fama e apareceu simultaneamente nos grandes semanários de Berlim, Londres e New-York. Nas tertúlias artísticas de Montparnasse Einar Wegener era uma das figuras de maior prestigio, impondo-se a sua bela inspiração, a inesgotável fantasia e a tecnica original e maravilhosa do seu desenho e colorido. Foi numa dessas tertúlias que ele conheceu uma rapariga pintora também e de extraordinário ta-

lento. Enamoraram-se, casaram pouco depois e o matrimónio de Einar e Gerda Wegener foi durante anos um exemplo de felicidade conjugal e de perfeita colaboração artística. Os nomes de Einar Wegener e Gerda Wegener apareceram assiduamente em páginas deliciosas da *Vie Parisienne*, e as exposições das suas obras abertas tanto em Paris como Londres, Berlim, Copenhague e Roma alcançaram sempre o melhor êxito da crítica e do público.

Mas ao cabo de alguns anos de matrimónio perfeitamente normal, Einar Wegener começou a sentir um mal-estar físico inexplicável, ao mesmo tempo que o seu caracter alegre e expansivo até então, se ensombrou de uma tristeza que nada parecia justificar. Estes sintomas iam-se acentuando à medida que passavam os meses. Einar observava no seu corpo metamorfoses que o alarmavam. Consultou vários médicos e o fenomeno revelou-se: O jovem estava mudando de sexo!

(Continua na pag. 12)



Einar Wegener ou... Zili Elvenes



A noiva portuguesa de Landrú fazendo as suas confidências ao nosso redactor



## UM AVENTUREIRO INTERNACIONAL

## O FAMOSO PAWEL

## TORNADO «D. JUAN»



**Centenas de burlados — Empregadas ou amantes? — Sempre os anúncios — A violência quando não serve a astúcia — A fronteira, é o caminho indicado.**

Continuemos a desfiar algumas das prendas que exornam o já muito celebre dr. Pawel, mas, antes de o fazermos, queremos-nos referir às cartas que aqui temos recebido de aplauso aos nossos artigos, os quais demonstram a razão que temos em desmascarar um burlão da peor das espécies, que tão mal usa da hospitalidade que lhe concedemos. Essas cartas agradecemos-las, não porque satisfaçam a nossa vaidade, mas porque nos demonstram que por todo o país se estende a vasta rede de negócios da Agência Pawel, — e que cada um deles é uma burla descarada.

Mas, antes de nos referirmo-nos a novas burlas deste cavalheiro que tão mal usa da confiança que



Um dos nossos redactores entrevistando uma antiga empregada do «dr.» Pawel

nele depositamos, deixando-o entrar no nosso país, queremos-nos referir desde já a uma nota saliente do seu carácter, a sua baixa moral que não hesita em tentar abusar, por meios persuasivos ou por meios voilentos, das empregadas que, necessitando de ganhar o pão de cada dia, procuram um escritório comercial, sem reparar nas armadilhas de que a vida está cheia, e ignorando que uma taboleta pode esconder, por vezes, e felizmente que não é sempre, os mais criminosos negócios e os mais infames desígnios.

Na famosa agência Pawel de tão complicadas transações, esteve empregada a sr.<sup>a</sup> D. Maria dos Prazeres, filha do sr. Artur Gonçalves residente na calçada dos Barbadinhos, 142, rez-do-chão. Trata-se duma família que tem que agenciar os meios necessários à sua vida pobre mas honrada, e cuja moral se não pode medir pela craveira que mede a do emérito trampolheiro que é o dr. Pawel Drosdzinski. Esta senhora, que para a agência dos negócios escuros entrara pela porta às vezes falsa

dos anúncios, notou, sem se aperceber da gravidade do assunto, os negócios irregulares que naquela casa se faziam.

Dois dias depois de estar empregada no escritório, — um quarto alugado no primeiro andar no prédio n.º 105 da rua das Flores, pois no 3.º é residência particular do «grande financeiro» — o dr. Pawel como que sentindo uma paixão fulminante, declarou-se à empregada, prometendo-lhe puro e honesto amor, e insinuando-lhe que lhe poderia modificar para melhor futuro, se ela se dispusesse a... ser amável. Esta atitude foi recebida com desconfiança. O famoso polaco, n.º contente em ter vigarisado meio mundo, quer conspurcar a honra das nossas mulheres. Fropoz abertamente, deixando cair a máscara de D. Juan que até aí avelarara, que a sr.<sup>a</sup> D. Maria dos Prazeres fôsse viver com ele maritalmente, oferecendo-lhe vestidos e jóias, convidando-a para passear de automóvel, chegando o desafêro a dizer-lhe, entre ridículas frases de alambicado amor... polaco, que no dia seguinte lhe compraria um piano.

Escorada na moral que os seus pais lhe tinham ensinado, a sr. D. Maria dos Prazeres não acedeu aos caprichos do famoso dr. Pawel e evitou que ficasse desgraçada como o têm ficado outras empregadas da exquisita agência. Então, vendo que pela astúcia nada conseguia, perdeu a cabeça o nosso herói, e tentou tomar pela força o que, naturalmente, lhe era negado pela astúcia. Fechou a empregada, agarrou-a, disposto a abusar, violentamente, da sua honra.

Nada conseguindo o famoso burlão tomou uma desforra: não pagou à empregada que tão justificadamente se despediu, os honorários que lhe devia.

Admiram-se os leitores de que um só homem só com um braço, possa pôr em prática uma rede tão vasta de burlas? Também nós, mas o caso tem explicação: o dr. Pawel tem dois auxiliares prestimosos. Para os negócios amorosos uma tal D. Júlia, dona da casa onde ele mora no 3.º andar e que induz as empregadas do seu inquilino a satisfazerem-lhe os caprichos. Para os outros negócios, os da agência, os lícitos com que mascara os criminosos, e também para estes, uma espécie de sócio ou secretário que merece, também, as nossas referências que num artigo próximo lhe faremos.

E foi pedido ao Governo Português autorização para estabelecer em Angola mil famílias polacas.

Se fossem todas desta espécie? De resto, para polacos, o famoso dr. Pawel Prosdzinski de quem já temos dito muito e de quem ainda temos muito para dizer, chega para nos faltar.

Porque não devolve a nossa polícia tão valioso specimen ao país de origem?



O n.º 105 da Rua das Flores, onde Pawel tem o escritório no 1.º and. e a resid. no 3.º

COSTA JÚNIOR

# T S F... X

**O jornal dos empresários** Ignoramos a data da publicação deste número — se a notícia já rabiou por aí...

Seja como fôr, ela é virginal como Ofélia, no momento de a escrevermos. Reuniram-se os empresários numa grave conjura e se alguns faltaram à assembleia não foram os *trusters*, os magnates, os fabricantes das crises de água oxigenada. Qual foi a decisão mais saliente de S. Excelências? Uma reforma técnica? Uma atenção e uma penitência ante o público sacrificado? Um gesto para salvar o teatro que eles abalaram até aos alicerces? Não senhor. Decidiram apenas... fundar um jornal próprio, um diário coactivo, uma gazeta feita à sua imagem, moral e material. Razões berradas por um dos presentes: «E' tempo que acabemos com essa patifaria da Imprensa. Gastamos um dinheirão em anúncios, e afinal eles, nas críticas, quando as peças não lhes agradam, zás, chicotam-nos, deitam-nos o castelo abaixo, sem se lembrarem que nós somos os seus melhores freguezes!» Que linda moral!

Julgava o cavalheiro que pelo facto de um teatro anunciar num diário (nós só falamos nos diários) ficava o crítico da casa coacto, algemado, escravizado sem outro direito que não fosse o de elogiar, incensar, foguear toda a bodega que a empresa quizesse pôr em cena, burlando a confiança do leitor que se guia pelas críticas. Esquece-se que o jornalista deve-se ao público e não ao anunciante; que se deve sobretudo a si próprio, à sua dignidade profissional, à Verdade, enfim! Além disso, o que eles compram, e barato, é o réclame que lhes leva as multidões à sua bilheteira, e não a pena dos que nos jornais escrevem... Mas há mais.

«Acabemos com essa verba, fundemos um jornal que seja só nosso, que só diga o que nos apetece, que substitua, em publicidade, todos os outros, poupando-nos uma boa parte dessa verba!»

Ha-de ser fresco o futuro órgão dos emprezários. E têm a infantildade de supôr que por muito pirotécnico que seja o elogio linotipado nesse diário, que o público se deixa suggestionar por êle, pelo elogio em boca própria? Em primeiro lugar basta uma gazeta ser órgão de algo, para sempre a comprar, para sempre lhe dar crédito. Depois — estamos aqui a vêr — o emprezário A. a impôr uma birrice contra o colega da esquina; e êste a querer por força que a amante saia na primeira página, e com um arco voltaico de prosa mais luminoso que Cicrana — a amante do emprezário B... Que bela revista se faria com êles todos... Revista, sim — diário, não!

**Operetas...** Nem só de pão vive o homem, e quem diz pão, diz eléctrica, diz luz. Está provado que não existe povo trabalhador, activo, optimista que não se divirta. O tédio, as cidades monótonas, criam mandrões, inoculam o pessimismo, o desamor ao trabalho, o indiferentismo por tudo. Mas na ocasião das crises — também se prova — os povos são atacados por uma sofreduidade de divertimentos, de alegria, de algo que os faça esquecer das amarguras da vida. Além disso, «para pouca saúde, mais vale nenhuma...» e quando, com economia e sacrificio, não se consegue equilibrar sequer o barco, entra nos corpos o bacillus do «não te rales» que, muitas vezes, resolve sozinho os piores problemas.

Lisboa está sedenta de distrações, mas não lhas dão. Um dos seus espectáculos predilectos é a ope-

reta, e não sei há quantos não temos opereta, tal e qual como em qualquer aldeia de cem fogos! E os emprezários que choramingam não saber que mais empreenderem para agradar ao público, não tem tido a milagrosa ideia de ressuscitar esse género de teatro. O teatro Avenida, após o fracasso de uma «reprise» e a saída da companhia Stichini, improvisou uma troupe de opereta com Sales Ribeiro e Auzenda de Oliveira, dois artistas com responsabilidades, gravando o nome de Armando de Vasconcelos no cartaz, o que representa um compromisso mais grave ainda. Como foi que repozeram em cena a «Leiteira de Entre Arroios»? Certos «marimbentas» teriam pudor de apresentar os cenários naquele estado, o guarda-roupa naquela lastima, aquele grupo de coristas, a maioria das quais deviam entrar no asilo da velhice desamparada. E apesar dêsses desleixos que comprometem artistas, director e empresa, o público encheu todas as noites, e a transbordar, o teatro, tal é a ânsia de opereta. E digam depois que o público não é digno de melhor sorte; que a crise é causada pelo público! E outro enigma: tendo os espectáculos esgotado a lotação ou quasi, qual o motivo porque a empresa só deu espectáculos no sábado e domingo? Qual o segredo dêsse contrasenso? Vá lá perceber-se a *técnica* dessa gente! Ou estão muito ricos e não querem ganhar mais, ou então... a que maquilavélicas conjuras obedece êste paradoxo?

**Lucro certo...** Em Leiria existe uma fábrica que dá trabalhos a algumas centenas de operários, mas que não paga a nenhum.

Os lucros são certos. «As receitas de exploração há que aumentar as importâncias que os operários deviam receber e não recebem há já algumas semanas e que orçam já por mais de 50 contos. Assim os lucros do grande negócio são certos, embora os operários morram de fome. Mas disso não cuidam os ilustres financeiros. O que lhes interessa é receber os vencimentos da compensada administração que estão fazendo — íamos a jurar que estão em dia... — e adicionar-lhes no fim do ano os lucros da póspera empresa.

Os operários... não interessam, nem lhes prejudicam as difíceis digestões. Mas interessam-nos a nós, e por isso ao assunto dedicaremos mais algumas linhas.

**Os «XXXX».** Há poucos dias o «Primeiro de Janeiro», do Porto, publicava na crónica assinada por «João de Lisboa» em que criticando com azedume certos macaqueadores do nosso jornal, enfaixam ouro e latão no molho, rotulando um determinado género de reportagem em «jornalismo X». Não discuti os as agonias que possam ter causado ao estômago sensível do crónista os suados esforços dêsses fumadores de pontas de cigarro literários e que nos reproduzem como os espelhos concavos do Tragic City, deformando a imagem, alongando o corpo, fazendo dum gigante um anão. Mas confundir imitados com imitadores, os pelagiadores com os pelagiários, é como acusar o Banco de Portugal das notas falsificadas no Angola & Metrópole, ou a Duse, porque uma corista do «Variedades» apalhaça as suas atitudes, ou a Tito Schippa porque um amator furioso pretende cantar como êle, «A Última Madrugada» da «Tosca»... O que, sobretudo, nos admira é que o sr. «João Lisboa» que também é macaquear na vida (e já dissémos porque) publicasse essa sua superior e pedantíssima opinião no *Janeyro* quando o *Janeyro*, durante perto de quatro anos ofereceu, diáriamente, os logares da honra da sua primeira pagina, a êsse despreziavel jornalismo X, dedicando tanto espaço

## Charlot, acusado de caloteiro

No Tribunal de Westminster, em Londres, corre agora um processo que tem sido o motivo da bisbilhotice dos habitantes do reino espiritual da *cinelandia*, e denuncia a forma como os «azes» e «estrelas» do cinema organizam a sua propaganda. Charles Chaplin, o popular Charlot,



é acusado por Miss May Shpherd, de lhe não ter pago 100 libras, por publicidade e serviços de secretaria durante a triunfal viagem de Charlot a Londres.

Esta *misse* que agora reclama as 100 libras muito tinha que contar, se quizesse falar das celebridades inglesas que visitam a Inglaterra. Ela foi a secretaria de Mary Pickford, de Rudolfo Valentino, de Jackie Coogan, Norma, Miss Jeanette, Mac Donald e outras celebridades, e, diz ela, nunca ninguém... lhe ficára devendo um *schilling*. Só Charlot, com quem ela tanto sympathisa, lhe pregou a partida, não lhe pagando o tempo que o serviu desde de 19 de Fevereiro de 1931 a 13 de Abril do corrente ano.

São acusações frequentes feitas aos homens célebres, e Charlot tem sido dos mais causticados neste género de... distrações... Há dias era um hotelheiro que se queixava de não receber 600 libras do pagamento da hospedagem, agora é a secretaria. Não nos custaria a acreditar se nos dissessem que Charles Chaplin, o homem mais popular de todo o mundo, não pode voltar a Londres... por causa dos calotes...

(Conclue na pag. 12)

## O segredo da fronteira holandesa

(Continuação da pag. 4)

se a janela que ficava precisamente debaixo da minha. Várias sombras chinesas se desenharam nêsse écran luminoso. Uma delas... pareceu-me a de K... Hesitei durante uma hora. Por fim, decidi-me. Pulei para a escada e desci até poder ver sem ser visto. Conferência de espídes... Papelada de mão em mão. Havia, sobretudo, um *dossier* vermelho que me fazia aguar. Às 2 horas terminou a conjura. Gaguei uns degraus, não viessem espreitar à janela, e uns minutos depois de terem apagado a luz, desci-os de novo. A janela estava aberta. A dificuldade, pois, não estava em entrar no gabinete... Encontrar o *dossier*, sim, fez-me suar! Mas encontrei-o. Já o mostro! Deixem-me acabar. Regresso à escada de caracol, a planear já... a fuga na manhã seguinte, e qual não foi o meu espanto ao dar com a janela do meu quarto... fechada por dentro! Uma imprudência minha. Encostara as batentes, mas não me prevenira contra o que sucedeu: um pouco de ar, um estremeção as unira e a lingueta, que era de mola, fechá-ra-se por si! Senti gelo e fogo, ao mesmo tempo, no cérebro, na espinha, nas faces! Sem chapéu e sem sobretudo. Procurando fazer o menor ruído desci até ao pátio. A porta de serviço estava fechada ainda. Não havia outro remédio senão esperar os acontecimentos uma noite inteira sentado nos degraus, ao relento... Que frio sofri, Deus meu! Conspiei-me, logo e, com que aflição contive os espíritos que me cócegavam o nariz. Logo às primeiras luzes da manhã, espreitei para o pátio. O porteiro abriu a porta e saiu. Não havia um minuto a perder. Desci. E em duas pernas estava cá em baixo. Ao passar pela taberna pegada, o porteiro bebia um cálice de *cognac*. Abençoado *cognac*. Sem ele não teria sido possível a fuga!

\* \* \*

A minha ideia fixa era passar a fronteira até ao meio dia, hora em que eu pedira que me acordassem, e em que seria dado o alarme... A *gare* ficava noutro extremo da cidade, uma boa hora a pé. Rezolvi trepar para o primeiro autobus que passava. Calculem a minha angústia, no momento de me recostar na plataforma ao ver surgir na escada da imperial o... pai de K... W..., um madrugador, que começava àquela hora a sua faina comercial. — «O senhor... saiu... sem se despedir... sem chapéu e sem sobretudo?» — indagou êste surpreendido e desconfiado. — Não sabia que responder. O meu primeiro gesto foi... fugir. O condutor, desconfiado também como temendo que eu quizesse esquivar-me ao pagamento, tentou agarrar-me pelo casaco... Um garoto com um saco às costas, esforçava-se por pular para o carro, impedindo-me a saída. «Logo lhe explico o que se passou» — gaguejei, e num rompan-te desembaracei-me do condutor, e saltei para a rua, pisando o garoto... Mas o pai do espia queria vir atrás de mim, mas o mesmo garoto o impediu de sair do autobus, atirando-lhe com os óculos ao chão...

Resumindo: Cinco horas depois, atravessava a *gare* de Naarboock! Era tempo. Um auto emplumado de tumarada franava nêsse momento no extremo da fronteira alemã. Iam três homens dentro. Um deles... era K... M...».

Xavier de Carvalho, Azevedo com um gesto de prestidigitador, desembolsou então o anunciado *dossier*. Os chefes debruçaram-se, sofrêgos, sobre a etiqueta que o rotulava. Dizia assim: Lista dos nossos novos agentes informadores da zona francesa da guerra e a chave dos vários códigos de comunicação.» O «V-12» conseguiu arripostar um dos mais perigosos tentáculos da espionagem alemã.

(Continua)

R. X.

LÊR NO PRÓXIMO NÚMERO: O jogador dos dados vermelhos.

## Texas Jack

(Continuação da pag. 5)

### OS ÚLTIMOS ANOS DE TEXAS-JACK

Pode dizer-se que se hoje existe uma linha férrea que liga os dois oceanos — a Texas-Jack se deve. Esta suprema vitória inaugurou um ano de sucessivos êxitos para o herói do Far-West. Durante vinte anos, afirmava Texas Jack, êle colaborou em perto de 300 combates com os índios, não falando em pequenas escaramuças e em encontros sem importância. O cavalo «Black-Pan» seu companheiro de lutas morreu num combate contra a célebre quadrilha do irlandês Mac-Well e Texas-Jack dizia mais tarde que os seus maiores desgostos tinham sido a perda da sua ama índia, com 80 anos, quando êle tinha 35, e a do seu cavalo. Casou aos 43 anos com uma formosa e bondosa mestiça, retirando-se, aos rogos da esposa, para S. Francisco que começara então a ser uma grande metrópole cosmopolita. A boa sociedade de S. Francisco, porém, cheia de preconceitos, não acolheu com a devida simpatia a pobre senhora, pelo facto dela ser mestiça. Texas-Jack sofreu profundamente êste vexame e voltou para o West, de onde nunca mais saiu. Enviuvou aos 65 anos e morreu velhíssimo e considerado por toda a gente. Deixou dois filhos e uma fortuna de perto de meio milhão de dólares. Existem ainda hoje dois netos de Texas-Jack: William, que é escritor; e Edith que é esposa do deputado Max H. Brooklyn. F I M

## «LANDRÚ»

(Continuação da pag. 9)

se cura com o bálsamo da vinçanga, a minha pode suavisar — curar-se talvez — na certeza de que não te libertas dos remorsos pelo mal que fizeste ao teu pobre — Landru.»

Já alguém falara na sugestão magnética do estílo amoroso de Landru, mas jámas sonháramos que êle atingisse êste poderio... Scria êste o segredo da sua sedução?

Ao despedirmo-nos de Maria de Jesús, o seu olhar perdia-se em longínquas miragens. O que via ela no seu êxtase? Visões saúdosas do seu idílio — ou a visão macabra da guilhotina?

R. X.

## T S F . . . X

(Continuação da pag. 11)

quanto era necessário e, segundo crêmos, nem se desprestigiou com êsse género de trabalho de prosa sem ela lhe causar prejuízos, muito antes pelo contrário, como poderia explicar melhor do que nós, qualquer colega que esteja em dia com as tiragens do grande quotidiano portuense... Não faz sentido que após tanto tempo de uso do «X», torça agora as narinas e diga: «Parece impossível que se permita essa letra no alfabeto da imprensa...»

Prometemos dizer porque consideramos o tal crônísta num macaqueo. Se o seu pseudónimo oculta o sr. S..., êle macaqueou nas nossas colônias um herói de Zorilho — D. Juan Tenório — alvoroçando e perdendo até com falsos casamentos muitas donas banhadas em tinta de Nank n e que, em vez dos hábitos de freira, usavam a púdica túnica da toalha da parra...

## Augusto Guedes

DESPACHANTE OFICIAL  
ALFANDEGA DE LISBOA

Na C. N. N. 2.3021 — 2.3024  
TELEFONES } Alfândega 2.6571  
} Particular N. 2673

## O homem que se transformou em mulher

(Continuação da pag. 9)

Consultado um especialista de nomeada, o dr. Herine Kross, de Dresden, êste formulou sem hesitações o diagnóstico: Einar convertia-se em mulher passava do sexo masculino ao feminino. Mas a evolução era lenta e quási incompleta. Seria preferível o doente submeter-se a uma série de operações para apressar e completar essa evolução. Einar resignou-se. Decorridos meses saia da clínica do dr. Kross transformado em mulher. E os certificados médicos bastaram para anular o seu casamento com Gerda e modificar o seu estado civil. O grande artista Eimar Wegener passou a chamar-se Zili Elvenes.

Foi aquela a época mais feliz da vida atormentada e estranha dêste ser excepcional. As duas mulheres unidas agora por uma amizade sem mácula, voltaram ao trabalho e ao entusiasmo da sua arte que durante tantos anos as unira. Passado algum tempo, Zili separou-se dos seus amigos para fazer uma viagem à Itália. Mas antes dirigiu-se a Dresden para submeter-se à última intervenção cirúrgica do dr. Kross. A operação foi feliz, mas a pobre Zili ficou muito fraca, não podendo sair da casa de saúde. Poucas semanas depois morreu.

Zili Elvenes, a sombra feminina do jóvem Eimar Wegener, repousa para sempre no cemitério de Dresden.

## O veterano dos bombeiros morre de fome!

(Continuação da pag. 7)

— Foi quando entreguei a D. Afonso o diploma de chefe honorário dos Bombeiros Voluntários da Ajuda. Uma festa tão linda! Foi no Paço, quando esteve em Portugal o pai do último Rei de Espanha.

E esquecido dos nossos 26 anos:

— Deve-se lembrar...

Não pobrevelhinho, não me lembro, porque ainda não era nascido, e até o esqueceram aqueles que tinham obrigação de ter sempre presente na memória, para que a tua nobre vida lhes servisse de exemplo. Esqueceram-te também, ignoram-te até, os bombeiros que como uma reliquia e um símbolo para ti deviam olhar — e deviam olhar por ti.

... Todos te esqueceram.

Pobre velhinho. Que a minha pena tivesse o condão de reunir algumas boas vontades que acatelassem o fim dos teus dias — seria a minha maior glória de jornalista.

REPORTER DIÁVOLO

## Hitler

(Continuação da pag. 7)

suã audácia conquistou um lugar no parlamento alemão, não tem papas na língua. Foi êle que disse há dias numa reunião de propaganda:

«Não derramaremos o sangue dos nossos adversários; depondá-los-emos na força; deitá-los a língua de fora, e as cordas serão soltas, a fim de que fiquem pendentes por muito tempo, a título de exemplo...»

Por isso se justifica que o mundo, principalmente a velha Europa, ponha em acção todos os meios ao seu dispor para contrariar a acção de Hitler e evitar — embora o não consiga — que êle conquiste o poder, — a maneira mais fácil de evitar a guerra que o seu imperialismo e desejo de vingança procura desencadear. Por isso êle mete medo ao mundo.

O Reporter X vende-se em todas as tabacarias.

# Alguns dos contemplados no nosso 6.º Concurso



De cima para baixo e da esquerda para a direita: *De Lisboa*: Francisco Pinto, Joaquim Marques, Delfina Fernandes, Eduardo Luis Viana, Horácio de Oliveira, Raul Martins, Fernando Ferreira, José Antunes, Hugo Sequeira, Ferreira da Silva, Manuel dos Santos, Carlos Alberto Gomes, Helder Ermida Marques, A. G. dos Santos, Cândida Ramos da Silva, António Castanheira Denis, Rosalina Lemos, Pedro Cardoso, Alvaro Reis Ramos, Augusto César e Oliveira Gonçalves. — *Do Porto*: José Lourenço dos Santos, José Ribeiro e Prazeres Seixas. — *De Coimbra*: José António Gamito, João Seromenho, José Basílio, José M. Côrte Real, Miguel Jorge Denis, Maria de Jesus, Carlos da Silva Diogo, Afonso Cabral, António Augusto Silva Manuel Fernandes Costa, Luís Belo, Amandio de Castro Bastos, Maria M. de Almeida, Manuel Nobre, Silvino Coelho, Oidina de Sousa, Rui Pinto, Luís Nogueira Soares, António Cunha Almeida, António Alberto de Figueiredo e Joaquim Nunes.

## Relação dos premiados na 6.ª Batalha Naval do «Reporter X»

Prêmios de Esc. 500\$00: Senha n.º 312 P—540 C—991 C—1097 C—1298 C—2494—3000 C; Prêmios de Esc. 200\$00: Senhas n.ºs 1770 C—10121; Prémio de Esc. 100\$00: Senha n.º 2042 P; Prêmios de Esc. 50\$00: Senhas n.ºs 640 P—1501 C—1523—1564—3103 P—5377; Prêmios de Esc. 30\$00: Senhas 2265—3244—6231—8638—8981—9020—9398—9947—10651; Prêmios de Esc. 20\$00: Senhas n.ºs 61 P—87—434—789—1603 P—1805 P—2892 P—2898 C—3426 P—3652—3749—4623—5600—5888—6307—7030—

8417—9739—10435—10510; Prêmios de Esc. 10\$00: Senhas n.ºs 88—107 C—325—735—884 C—889—1104 C—1146—1153 P—1238 C—1332 C—1568—1646—1725 P—1766—1880 C—1964 C—2149—2189 C—2246 P—2251—2294 C—2451 C—2639 C—2729 C—2747 C—3109 P—3149 C—3182 C—3842 P—3936—3967—4155 P—4171—4736—5869—5892—6012—6468—7203—7222—7376—7834—7839—8270—8521—8917—9201—9755—9807—10036—10379—10314—10771—10969.

Disposição da 6.ª Batalha Naval do «Reporter X»

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	
1											1
2											2
3											3
4											4
5											5
6											6
7											7
8											8
9											9
10											10
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	

# Quantos automóveis existem em todo o mundo?

COMO vai longe a época em que o automóvel era um complexo veículo que ejaculava novelos de fumo por todos os lados, rodando às sacudidas e obrigando o condutor, empoleirado numa espécie de trôno, a uma manobra imponente! Como vai longe o tempo em que as maiores fábricas de autos estralejavam um frenético reclame quando a sua produção atingia dez carros mensais e em Portugal os três únicos possuidores do «mata-gente» (*soubriquet*

por hora, que é vulgar, gastaria 16 dias e 6 horas a percorrer um dos meridianos.

O número total dos autos existentes, mesmo serpenteando em três ou quatro filas simultâneas não cabia em todas as estradas de Portugal (nem nas de Espanha ou França ou Alemanha) porque nenhum país europeu possui 40 mil quilómetros de estradas. Contudo, nas da América do Norte, cabem à larga 26:600.000 autos! No resto do mundo, circulam apenas 9 milhões. Segundo afirmam as estatísticas aduaneiras a circulação do automóvel aumentou, de 1922 para cá, em 155 por cento. Do automóvel primitivo Ford (e Ford está vivo ainda) até ao de Campbell (396 quilómetros por hora) existe o mesmo abismo que separa Euclides — o sábio das três dimensões — e Einstein.

A seguir dos Estados Unidos, a França, a nação onde o automobilismo se desenvolveu mais. Depois, o Canadá, domínio inglês. Nos Estados Unidos existe um auto para cada 4 habitantes; Paris um auto por 19 habitantes. Em Madrid calculam-se 16.000 matrículas, 1 auto por 75 habitantes. No resto da Espanha, 1 auto por 215 habitantes. A Alemanha está em quarto lugar, a seguir à Austria e ao Canadá. A capital que mais autos possui actualmente, em relatividade à população, (antigamente era Havana, capital de Cuba) é o Rio de Janeiro. Mas Espinhal, uma aldeola do Ping de Dôme (França) existe um auto por cada 8 habitantes, quasi tanto como em New-York. Em Espanha é

S. Sebastian quem levou a palma. Depois vem Barcelona e a seguir Madrid.

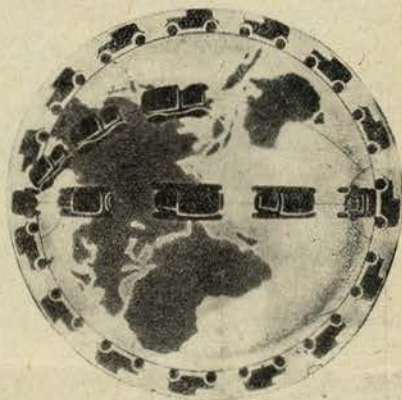
Em Portugal devem circular 46.000 automóveis, embora o número atingido pela matrícula seja superior. Mas essa numeração não atende as baixas dos carros inutilizados e desaparecidos. Corresponde a um auto por 158 habitantes. Em Lisboa devem existir 15.000 autos. A produção (não o consumo) de automóveis, em todo o mundo, em 1929 é a seguinte: Alemanha, 80.500; Austria, 9.110; Bélgica, 7.000; Canadá, 263.295; Tcheco Eslováquia, 14.740; Dinamarca, 150; Espanha, 450; Estados Unidos, 5.358.414; França, 260.000; Inglaterra, 239.832; Hungria, 632; Itália, 54.100; Japão, 215; Polónia, 450; Rússia, 1706; Suécia, 1758; e Suíça, 3.000. Total: 6.295.352.

Quando será que a democratização do automóvel nos permitirá adquirir um belo carro a... vinte escudos semanais?



alfacinha aplicado ao automóvel) uma senhora extravagante, um corcunda que ficou lendário e o Infante D. Afonso, arrastavam atrás de si multidões papalvas que, sem grande corrida, acompanhavam a máxima velocidade do carro...

Os autos existentes e em circulação podiam delimitar, colocados em fila, todas as fronteiras europeias, sobrando bastantes para fechar as da América do Norte. Na Europa existe um auto por cada grupo de 216 habitantes. Os dois meridianos ocupariam todos os autos que correm no mundo. Um auto com a velocidade de 100 quilómetros



## O que são hoje os escritores sobreviventes da Rússia czarista

(Continuação da pag. 7)

tinua a sonhar e a curtir miséria, alheio às paixões dos homens e às evoluções do tempo.

E o que é feito de Marc Aldanov, dos velhos escritores russos sobreviventes da Revolução, o mais novo de todos, o que poderia mais facilmente adaptar-se ao novo estado de coisas? Onde parará esse escritor *glob-trotter*, inteligência internacionalizada, europeizada, sempre ansiosa de novos panoramas, célebre na Rússia como em todo o mundo culto?

Foi mobilizado durante a grande guerra. Combateu na frente russo-alemã. Quando estalou a revolução foi para Petrogrado lutar por ela. Mas sobreviveram os bolchevistas e Aldanov, democrata pela educação francesa que recebera, bateu-se por Kerensky. Permaneceu em Petrogrado lutando contra as hordas bolchevistas até Agosto de 1918. Veio o terror vermelho que o obrigou a fugir. Refugiou-se então a outros intelectuais perseguidos e percorreu a Europa relatando os horrores da Rússia revolucionária e pedindo à Europa civilizada a sua intervenção naquele caos. Todos os escutaram, todos lhes prometeram auxílio, mas ninguém se mexeu. E Aldanov acabou por desanimar. Lá anda, por Paris, estrebuchando intelectualmente, escrevendo sem estímulo, vivendo pelo hábito de viver.

Dos velhos escritores russos que sobreviveram a Revolução, não há um que possa ufanar-se de um grande triunfo moderno. Todos estão gastos, ou pela idade ou pelo sofrimento. Apenas um nome — um nome desconhecido no tempo do tzarismo — oigrou súbitamente e há bem poucas semanas um

êxito retumbante. É uma mulher, uma jovem: Irene Nemivovsky. Mas esta formou-se intelectualmente já fora da Rússia. Conta apenas vinte e cinco anos, e a Revolução bolchevista não passa para ela de uma esfumada recordação de infância.

Foi durante a Revolução que no seu espírito nasceu a paixão pela literatura. Quando estalou a contenda, seu pai, grande banqueiro em Petrogrado, fugiu para uma velha casa de Moscou onde a escondeu. Viviu num sótão, enquanto nas ruas troava o canhão e berrava a metralha. A princípio assustou-se. Depois, habituado ao constante ruído da refrega, entregou-se à leitura para que mais curtas lhe parecessem as horas de isolamento. Assim mergulhou, como num sonho, nas obras de Wilde, Montpassant, Huysman e outros que foram formando o seu espírito. Para alimentar-se tinha batatas e sardinhas. Era quanto lhe bastava. A paixão pela vida de sonho que a literatura proporciona exarcebou-se durante esses dias trágicos. Comoviam-na mais as lágrimas das personagens romanesco do que os dramas vividos da Revolução que ela pressentia em torno do seu esconderijo. Os bolchevistas puzeram a preço a vida de seu pai e tiveram que fugir para a Filândia disfarçados em camponeses. Um ano depois vinham aumentar o número de emigrados em Paris. Agora Irene Nemirovsky revela-se uma extraordinária escritora, burguesa e sentimental, que jámais terá entrada na Rússia comunista.

Ela é excepção dos escritores emigrados porque se criou no ambiente da emigração; e os outros velhos escritores sobreviventes à Revolução não passam de espectros de uma vida passada que o tempo reduziu a uma simples recordação. Pertencem à História, não pertencem à Vida.

**VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA**

## Dá Deus nozes...

(Continuação da pag. 6)

as que nasceram aureoladas pela mão dos Deuses, prestando-lhes depois todo o auxílio a que têm direito. Dificulta-se a carreira, dilatam-se as exigências monetárias, negam-se todas as protecções para que os sábios, mesmo com génio, não passem de sapateiro e mais sapateiro em que não basta ser pobre para ser mestre na tripeça; e para que os filhos dos ricos, mas desmiolados, desinteressados, vãos de espírito (porque não basta ter dinheiro para ter alma e talento) satisfaçam a vaidade burguesa dos pais, monopolizando as «élites» ou antes os rótulos. Jayme Silva (filho), que é um grande artista, que queimou a sua mocidade num duplo esforço — o esforço do estudo e o esforço para poder estudar; que abdicou de todos os prazeres, de todas as férias, de todas as alegrias que não sejam as da sua arte; que perrou mil vezes a sua vocação, o seu amor, o seu destino, foi obrigado a suspender os seus estudos, a abandonar os mestres, a regressar da Alemanha, onde cursou e estudou os últimos meses, quasi por... esmola dos alunos que admiram a constância, a heroicidade, o entusiasmo do moço artista... Enquanto Jayme Silva luta e é vencido e chora, quantos *fills à papa*, sem uma pepita de luz diurna a iluminá-los, sem amor pela arte, odeiam o estudo, bocejam, se espreguiçam, lamentam os regabofes réis, as passeatas, as pandegas que estão perdendo e amaldiçoam a vaidade dos pais, que, habituados a comprar tudo a peso de ouro, querem também comprar a glória para os filhos, como se fosse uma comenda, um automóvel ou um casaco de peles! Não era muito mais bem empregado esse dinheiro nos que, como Jayme Silva (filho), têm dentes, mas não têm nozes?

## UM GRANDE ÊXITO

## A confiança em nós depositada por milhares de concorrentes

É manifestada não só no número de «combatentes» das «Batalhas Navais», mas também nas centenas de cartas que diariamente recebemos

## Mais 4.000 escudos de prémios em dinheiro

O êxito surpreendente dos nossos concursos *Kolosso* que se acentua de número para número, é — permitam que o digamos orgulhosamente — o reflexo da confiança que em nós depositam dezenas de milhares de concorrentes de todos os pontos do país.

Para melhor acentuar essa confiança, e confirmá-la, se necessário fôsse, bastavam as centenas de cartas que dia a dia recebemos. Um aplaudindo a nossa iniciativa; outras pedindo-nos a que ainda por mais tempo prolonguemos as *Batalhas Navais*, outras, ainda, testemunhando-nos o seu agradecimento pelo facto de terem sido contemplados, dentro das condições do concurso, naturalmente, com alguns dos prémios daqueles que todas as semanas o *Reporter X* distribue pelos seus leitores e concorrentes às *Batalhas Navais*.

Fica demonstrado e provado que o público corresponde sempre a todas as iniciativas honestas quando estas lhe merecem a confiança que a nossa lhe mereceu, e ainda quando os concorrentes sabem que o seu interesse não é iludido, e que ao contrário, com carinho procuramos corresponder-lhe, dentro das dificuldades e incertezas da vida actual.

Assim se justifica plenamente que o nosso concurso, entre os concursos realizados pelos jornais portugueses, seja o que mais rapidamente se tornou popular e o que mais concorrentes tem conquistado, conseguindo o *Reporter X*, que já tinha o «record» das tiragens entre os semanários obter mais um «record»: o de maior número de concorrentes nos concursos até hoje realizados por jornais portugueses.

Ditas estas palavras de gratidão àqueles que delas se tornaram credores pela simpatia tão exuberantemente manifestada pelo nosso jornal, e pela sua confiança na nossa iniciativa, retimos algumas das indicações que aqui temos feito, e que os concorrentes devem sempre ter presentes:

Não podemos responder individualmente a todas as pessoas que se nos dirigem, pois que isso representaria grande dispêndio de tempo e de dinheiro, e ainda principalmente porque isso se torna desnecessário: tudo quanto os concorrentes dos nossos famosos concursos precisam saber vem no *Reporter X*, bastando somente que leiam com atenção as páginas que ao concurso se referem.

No entanto entendemos dever responder aqui a uma pergunta que insistentemente nos tem sido

feita, dizendo que todo e qualquer leitor do *Reporter X* pode concorrer com mais de uma «Folha de combate», aumentando assim as probabilidades da sua vitória.

Todas as pessoas a quem tenham saído prémios, escusam de nos escrever a perguntá-lo, pois serão avisadas pelo correio.

E, para finalizar, uma recomendação fazemos a todos os nossos prezados correspondentes: que nos escrevam em letra bem legível, pois que muita correspondência relativa ao concurso não tem o devido seguimento porque se não compreendem os nomes ou as moradas de quem nos escreve.

Serão eliminados todos os concorrentes que não cumpram as indicações publicadas;

Que marquem os seus tiros em papel diferente da «Folha de combate» que o *Reporter X* publica todas as semanas. Só serve a Folha do «Reporter X»;

Que não reclamem o seu prémio um mês depois da publicação da respectiva «Folha de combate».

Cada premiado receberá o prémio em troca da senha numerada, do seu retrato e do recibo respectivo.

## SEM SE COMBATER NÃO SE PODE VENCER! BATA-SE COMNOSCO!

Todas as sextas-feiras, às 10 horas da manhã, será afixado, em Lisboa, na montra da Tabacaria do «Café Chave de Ouro», no Rossio; na «Havaneza do Calvário», Largo 20 de Abril, 27-28; «Castela, L.da—Sapataria Chiado», Rua Garrett, 96; na «Havaneza do Almirante», Rua José Falcão, 41-43; Luiz Vicente Antunes, Avenida Luiz Bivar, 58-60; José dos Santos—Capelista, Calçada da Estrela, 245; Académica Pedro Nunes, Avenida Alvares Cabral, 53; «Tabacaria Ideal», Rua do Livramento, 52; «Havaneza da Graça», Largo da Graça, 99; no Porto, na casa Manuel da Silva Braga, na Praça da Liberdade, 129, e em Coimbra, na Tabacaria Silva, Rua Ferreira Borges, 41, um envelope KOLOSSO, fechado e lacrado, contendo dentro um rectângulo, como este:

EXEMPLO:

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
1	■									
2	■									
3	■									
4	■									
5	■									
6	■									
7	■									
8	■									
9	■									
10	■									

■ Dentro deste rectângulo oculto no envelope, em

posição horizontal ou vertical e separadas umas das outras, o *Reporter X* colocará as seguintes unidades da sua *esquadra*:

1 navio almirante de 4 canos, que ocupará 4 pequenos quadradinhos seguidos.

2 cruzadores de 3 canos, que ocuparão, cada um, 3 pequenos quadradinhos seguidos.

3 «destroyers» de 2 canos, que ocuparão, cada um, 2 quadradinhos seguidos.

4 submarinos, que ocuparão um pequeno quadradão, cada.

A habilidade de cada concorrente estará em destruir esta *esquadra*, cujas posições se encontram escondidas no envelope, com uma série de **quarenta e cinco tiros**, que marcará (sem tocar as linhas, sem rasuras nem emendas) ao centro de cada pequeno quadradinho.

EXEMPLO

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
1	●			●		●			●	●
2		●					●			●
3				●	●		●			●
4		●				●			●	
5		●		●			●	●	●	●
6		●					●			●
7		●	●		●		●		●	
8		●	●				●			●
9	●			●		●			●	
10	●			●	●	●	●	●	●	●

Os tiros marcam-se com um ponto a tinta na «Folha de combate» que publicamos todas as semanas. Essa «Folha de combate» será preenchida pelo concorrente com o seu nome e morada conforme o impresso indica, e entregue pessoalmente ou pelo correio (e neste último caso acompanhada de um selo de \$25) até às 19 horas da quarta-feira seguinte, na Administração do *Reporter X*, Rua do Alecrim, 65, 1.º, para os concorrentes de Lisboa, que receberão em troca uma senha numerada. Os concorrentes do Porto e de Coimbra farão a entrega da sua «Folha de combate», respectivamente, na Praça da Liberdade, 129 e Rua Ferreira Borges, 41, até às 17 horas prefixas de quarta-feira, recebendo igualmente em troca uma senha numerada. Os das províncias enviar-nos-ão as suas «Folhas de combate» pelo correio, de forma a chegarem à Rua do Alecrim, 65, 1.º, na quarta-feira seguinte à da publicação de cada folha, acompanhando a remessa com a franquia de 25 centavos a fim de lhes ser remetida a respectiva senha numerada. Dentro dos prazos estabelecidos, qualquer concorrente nos pode enviar de qualquer ponto do país a sua «Folha de combate», acompanhada da franquia postal, para a nossa administração de Lisboa.

Na semana seguinte os envelopes KOLOSSO afixados em Lisboa, Porto e Coimbra serão abertos à frente do público, patenteando as posições da nossa *esquadra*, e o *Reporter X* desse dia reproduzirá as mesmas posições, por onde os concorrentes verificarão, num relance, até que ponto os seus tiros foram eficazes e destruidores.

E logo ao lado desse envelope aberto outro envelope KOLOSSO surgirá fechado e lacrado contendo as posições da *esquadra* para a grande batalha da nova semana que começa.

(Ver prémios e «Folha de combate» na pag. 20)

# Folha do **oitavo** combate CONCURSOS **KOLOSSO** SEMANAIS

Batalha naval do REPORTER X  
4.000 escudos de prémios! 4.000 escudos!

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	
1											1
2											2
3											3
4											4
5											5
6											6
7											7
8											8
9											9
10											10
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	

Nome do concorrente .....

Morada .....

Número ..... Localidade .....

### O DINHEIRO IMEDIATO

Imediatamente à abertura dos envelopes, em Lisboa, Porto e Coimbra, a nossa administração, na Rua do Alecrim, entregará os prémios aos vencedores de Lisboa e enviará pelo correio os prémios aos das províncias; na nossa Agência do

Porto levantarão os concorrentes os seus prémios e na de Coimbra proceder-se-á de igual modo.

**Rápido | irrefutável | Decisivo |**

Os concorrentes que possuam a senha numerada que damos em troca da «Folha de combate», preenchida e marcada pelos **quarenta e cinco** furos, estão habilitados aos seguintes prémios:

### 1.º PRÉMIO: 500 escudos

Cabe ao concorrente que **afundar todas as unidades**. No caso de haver mais de um concorrente nestas condições, será o prémio sorteado entre estes. Após este sorteio, os concorrentes deste grupo a quem não tenha tocado o 1.º prémio receberão **50 escudos**, cada, como prémio de compensação.

### 2.º PRÉMIO 200 escudos

É entregue ao concorrente que **maior número de tiros acertar**. No caso de haver mais de um concorrente em idênticas condições, proceder-se-á a um sorteio igual ao do primeiro prémio, recebendo os que perderem **uma compensação de 20 escudos**, cada um.

### 3.º PRÉMIO 100 escudos

Será dado ao que **não atingir nenhuma unidade**. Como nos prémios anteriores, se houver mais de um concorrente deste grupo, em igualdade de circunstâncias, far-se-á o desempate por sorteio, cabendo **10 escudos** de compensação aos que não forem balejados pela sorte.

### 4.º PRÉMIO 100 escudos

Caberá ao concorrente que **afundar o navio almirante, sem atingir as outras unidades**. Como nos anteriores, no caso de empate, decidir-se-á por sorteio, cabendo um prémio de compensação **de 10 escudos** para os que não alcançarem os 100 escudos.

### 5.º e 6.º PRÉMIOS 30 escudos, cada

Aos dois concorrentes que **afundarem os quatro submarinos, sem atingir as outras unidades**. Havendo mais de dois concorrentes nestas condições, proceder-se-á a um sorteio idêntico ao que já anunciamos, cabendo **10 escudos** de compensação aos que não lograrem o prémio inteiro.

### No número do Natal

Por dois escudos (2\$00):

- Uma interessante capa a cores.
- Trinta e seis páginas.
- Sensacionais reportagens nacionais e do estrangeiro.
- As gravuras da mais flagrante actualidade.
- Colaboração escolhida

O que torna o *Reporter X* do Natal um jornal único na Imprensa portuguesa.

TUDO ISTO É MAIS

**Esc. 10:000\$00**

em prémios no  
**CONCURSO KOLOSSO**

O êxito que o nosso jornal tem obtido não nos oblitera a serenidade, e por isso reservamos para os desprotegidos da sorte, para os pobres que não têm Natal, uma parte do nosso benefício material.